

Custou, mas foi: Joaquim Maria Cymbron conseguiu por fim, ao cabo de árduas e aturadas diligências, ser levado a tribunal por chamar traidor ao Presidente da República. Mas, para tanto, foi preciso apresentar queixa contra si próprio.

Réu em causa própria

«**C**HAMEI traidor ao Sr. Presidente da República e chamei-o com todas as veras da alma», diz Joaquim Maria Cymbron, que amanhã responderá em tribunal por ofensas ao mais alto magistrado da Nação.

Não lhe foi fácil o acesso ao banco dos réus para responder pelo seu «crime», tendo sido inclusivamente obrigado a fazer requerimento ao procurador-geral da República para ser levado a tribunal.

A ideia ocorreu-lhe em 84, quando o Dr. Mário Soares foi insultado em Coimbra por um funcionário da Câmara, e, para processar o homem foi preciso criar a toda a pressa um decreto-lei que contemplesse este crime.

A partir daí Joaquim Maria Cymbron não perdeu uma oportunidade de tornar pública a sua opinião altamente depreciativa acerca do Presidente de todos os portugueses, emitindo-a preferencialmente em tribunal e exigindo a juízes benevolentes, que invariavelmente preferiam fazer ouvidos de mercador às suas invectivas, que estas ficassem lavradas em acta.

E voltamos a citar o autor das declarações em que se denuncia o PR como «réu de alta traição»:

«Dizer que o Sr. Presidente

da República é um traidor, constitui uma atitude que vem na sequência de um comportamento que comecei a traçar desde o dia 25 de Abril de 1974.

(...) Nós levámos aos povos que contactávamos a doutrina de Cristo Salvador, não o credo num «deus de compra e venda», como diz Junqueiro na sua conhecida apóstrofe à In-

gir não só a identidade que temos como povo livre mas, sobretudo, a nossa dimensão de povo missionário.

(...) Não transijo, não me acomodo, nem cedo um palmo quando se trata de honra. Por isso, antes de me calar sobre este assunto, aqui ou noutra lugar, agora ou mais tarde, sempre direi: se o Sr. Presi-

dente da República não é um traidor, então, para que as palavras ao menos conservem algum sentido, eu terei de passar a chamar traidores a todos os homens que, em Portugal, ainda não dobraram o joelho diante das Internacionais e, sobretudo, vejo-me na necessidade de lançar este nome sobre a memória sagrada de quantos, ao longo de séculos, empenharam vidas e fazenda, deram tudo, nada regatearam em prol duma cruzada de civilização, a mais épica e a mais abnegada cruzada a que povo algum já se votou!»



Contestação a Soares, sempre...

glaterra: evangelizámos, civilizámos, espalhámos uma cultura.

(...) Partimôs na crista auzada de uma onda de fervor apostólico, mas regressámos na maré baixa de uma traição torpe. É mister que se apontem os nomes de quem renegou a Pátria, para nos começarmos a libertar da imensa vasa, que sobre nós se derramou a ponto de quase submer-

O caso vai ser finalmente julgado no Tribunal Correccional, onde se irão ouvir das boas e ninguém poderá fazer orelhas moucas.

Nem o Presidente da República, que vai sentir as suas a arder.

Quanto ao arguido, suspira aliviado, quando nos diz: «O que eu penei para que me fosse movido procedimento criminal!» ■